



A TRANSFERÊNCIA EM JEAN LAPLANCHE:

DESDOBRAMENTOS DO CONCEITO A PARTIR DA TEORIA DA SEDUÇÃO

GENERALIZADA

Juliana Vilela Nogueira

Belo Horizonte, 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

**A TRANSFERÊNCIA EM JEAN LAPLANCHE:
DESDOBRAMENTOS DO CONCEITO A PARTIR DA TEORIA DA SEDUÇÃO
GENERALIZADA**

Trabalho apresentado como requisito para conclusão de curso de pós-graduação *lato sensu*: Especialização em Teoria Psicanalítica, sob orientação da Profa. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho.

Juliana Vilela Nogueira

Belo Horizonte, 2014

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	3
CAPÍTULO 1 A sedução originária.....	6
CAPÍTULO 2 A transferência em Jean Laplanche.....	12
2.1 A instauração de um lugar de sedução originária e o processo de análise... 12	12
2.2 Por que a reinstauração da situação originária?.....	18
2.3 A Transferência em Laplanche: <i>transferência em pleno, transferência em oco, transcendência de transferência</i>	20
2.4 Término de análise: <i>transferência de transferência</i>	24
CAPÍTULO 3 A transferência em Freud e sua compreensão a partir de Laplanche.....	30
3.1 A transferência em Freud.....	30
3.2 Freud com Laplanche: um diálogo fecundo.....	35
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO

O pesquisador e psicanalista francês Jean Laplanche, ao postular sua Teoria da Sedução Generalizada, resgatou um argumento freudiano que teria sido considerado parte da pré-história do pensamento psicanalítico, não fosse sua perspicácia em reconhecer que naquela teorização havia muito a ser aproveitado e sumamente valorizado. Trata-se da Teoria da Sedução, que Freud relegou aos escombros de sua metapsicologia ao dizer que *não acreditava mais em sua neurótica*¹, e terminando por considerar que a sedução de que suas pacientes lhe falavam não passava de fantasias inconscientes, algo que não havia acontecido de fato, mas que fora apenas fantasiado por elas. Dos escombros freudianos Laplanche recolheu a rechaçada teoria e a colocou, como ele costuma dizer, *para trabalhar*, operando nela reformulações absolutamente originais que a trouxeram para o cerne, para o *fundamento* da constituição humana.

O que nos primórdios do pensamento freudiano foi considerado causa das neuroses, a saber, uma sedução efetiva sofrida na infância, exercida por um adulto com intenções perversas, será retomado por Laplanche sob novo entendimento. O psicanalista francês considerará a sedução um fato inevitável, que ocorre no princípio da vida de qualquer ser humano e que é fundamental à nossa constituição psíquica.

Neste momento inicial, dependemos necessariamente dos cuidados de um outro adulto, já constituído como sujeito humano, tanto para sobreviver enquanto organismo biológico, quanto para se tornar também um sujeito. A inevitável sedução, que é generalizada por ter acontecido a qualquer pessoa, se encontra no fato de que ao cuidar de um bebê, o

¹ Em uma de suas cartas a Flies, Freud escreve ao amigo que não acreditava mais nas histórias de sedução e de abuso sexual ocorridos na infância que suas pacientes histéricas alegavam terem sofrido.

adulto exerce sobre o pequeno os cuidados que pretende, mas também está submetido à sua própria atividade inconsciente, da qual não possui domínio. Laplanche dirá que a sexualidade inconsciente do adulto será veiculada à criança sob a forma de *mensagens enigmáticas*, as quais inocularão um excesso de excitação com o qual o bebê terá que se haver. Por não possuir um aparelho psíquico já constituído, o infante estará indefeso diante das mensagens sexuais que o invadem, e não conseguirá significar, traduzir, dominar essa excitação. Esta é a face traumática da sedução, que inaugura a pulsão sexual em todos nós. É importante ressaltar que o adulto seduz a criança sem sabê-lo; sua sexualidade inconsciente se intromete em suas ações de cuidado, sem que ele tenha o menor conhecimento disso. Assim, podemos dizer que existe uma verdadeira *primazia do sexual* na relação que se estabelece entre um bebê e seu cuidador, pela qual ambos se encontram submetidos.

As mensagens enigmáticas que vêm do outro terão de sofrer um recalçamento, o qual, em Laplanche, consiste em uma tradução que sempre deixará um resto não traduzido. Este resto é o que constituirá o nosso inconsciente.

Pois bem, uma teoria original como esta terá, necessariamente, que repensar conceitos psicanalíticos fundamentais, a partir dos novos elementos que introduz e que fazem reformulações tão importantes no pensamento freudiano. O objetivo da pesquisa desta monografia será recolher no pensamento de Laplanche o que teria sido acrescentado ou reinterpretado no que diz respeito à transferência, a partir das novidades que a teoria da sedução generalizada traz. Neste sentido, Laplanche nos oferece um satisfatório ponto de partida para a investigação que nos propomos aqui:

As concepções mais universalmente admitidas [sobre a transferência], variáveis, mas sempre com base em enunciados freudianos, devem ser criticadas aqui. A transferência, nos diz Freud, seria uma repetição de protótipos arcaicos, fora de moda, inadaptados; a transferência é favorecida pela neutralidade analítica, de

forma que os mecanismos patológicos que estão esparsos na neurose encontrar-se-iam concentrados no que se chama neurose de transferência. Os comportamentos neuróticos seriam exemplificados *in praesentia* no decurso da análise. (Falamos intencionalmente de “comportamentos”, já que Freud descreve a transferência como um agir). A partir dessas concepções básicas, o “o que fazer com a transferência” comporta sem dúvida grandes variações e diferenças. Deve-se interpretá-la, deve-se interpretá-la para dissolvê-la, deve-se fazer com que evolua, interpretando-a? Ida Macalpine, a mais lúcida neste ponto, denuncia com razão a ilusão de pretender dissolver a transferência. Mas, em todo caso, quaisquer que sejam as opções na prática, a base teórica freudiana permanece intacta.

Há certamente muitas coisas a retomar de tudo isto, mas é fundamental recolocá-lo em perspectiva a partir da teoria da sedução: o fundamento da relação com o outro originário é a sedução originária e o fundamento da relação com o analista reatualiza, ou até mesmo leva ao absoluto, essa relação (Laplanche, 1992, pp.169-170).

O que se pretende nesta monografia é exatamente isso: recolocar a transferência em perspectiva a partir da teoria da sedução generalizada. É o que buscaremos realizar ao longo do trabalho que se segue.

CAPÍTULO 1

A SEDUÇÃO ORIGINÁRIA

Retomando a citação de Laplanche apresentada na Introdução deste trabalho, nesta nos foi esclarecido que “o fundamento da relação com o outro originário é a sedução originária e o fundamento da relação com o analista reatualiza, ou até mesmo leva ao absoluto, essa relação (Laplanche, 1992, p.170)”. Se concordarmos com esta afirmação, teremos que admitir que, antes de tentarmos obter qualquer compreensão sobre a relação do analisando com o analista em Laplanche, isto é, sobre a transferência, devemos ter bem esclarecido em que consiste a sedução originária. Assim, este será nosso objetivo neste primeiro capítulo: construir um esclarecimento satisfatório sobre a sedução originária postulada pelo psicanalista francês, que será base fundamental para entendermos suas construções sobre a transferência, nosso principal objetivo nesta monografia.

É sabido que o ser humano, ao nascer, se encontra em uma situação de completa passividade e desamparo diante do mundo. O bebê recém-nascido é incapaz de exercer qualquer atividade, ainda que mínima, no ambiente que o circunda e, para sobreviver, necessita de um outro que se encarregue de suprir suas necessidades vitais básicas, como alimentação, proteção, higiene, etc. Este outro, obviamente, deve estar interessado na sobrevivência do bebê. Sua atenção deve estar voltada para os cuidados favoráveis ao bem estar e bom desenvolvimento do infante. Em psicanálise, diríamos que esta atividade do cuidador serve aos interesses da autoconservação, mas Laplanche nos alertará de que não são apenas estes os interesses que estão em jogo na criação de uma criança e que, na realidade, estes são os que menos importam.

Entremeada aos objetivos da autoconservação existe a sexualidade inconsciente do adulto que cuida, e esta age ultrapassando suas intenções conscientes, se intrometendo em suas ações para com a criança sem que ele tenha qualquer domínio, nem mesmo conhecimento, sobre ela. A sexualidade do adulto cuidador será veiculada ao bebê sob a forma do que Laplanche nomeou de *mensagens enigmáticas*. São ações, palavras, gestos, atuações que, entremeadas aos seus cuidados, inoculam na criança uma excitação a qual ela será incumbida de dominar, e isso num momento prematuro, em que ela se encontra completamente despreparada e indefesa, incapaz de exercer qualquer tipo de domínio sobre o que quer que seja.

No artigo intitulado “*Objetivos do Processo Psicanalítico*” (1998), Laplanche dirá que diante das mensagens enigmáticas carregadas de sexualidade, o bebê é passivo, pois não dispõe de respostas instintivas apropriadas para isso que lhe passa. Inundado em excitações que é incapaz de dominar, o infante se encontra numa situação de *trauma*, a qual deve tentar superar por meio de uma retomada ativa. Esta retomada ativa consistirá em alcançar uma compreensão sobre o que lhe ocorre, operar uma *tradução* das mensagens enigmáticas que o invadem. A esta necessidade do ser humano de traduzir, de interpretar as mensagens do outro no princípio da vida, Laplanche deu o nome de *hermenêutica fundadora*, pois se trata de uma tradução que funda o psiquismo da criança. Mais à frente serão dadas explicações mais detalhadas sobre esta fundação psíquica a partir do processo de tradução.

Laplanche ressalta que do ponto de vista sexual, em que estão envolvidas as mensagens enigmáticas, existe uma dissimetria radical entre o adulto e o bebê de que ele cuida. No nível da autoconservação pode-se dizer que há, em certa medida, uma reciprocidade na relação, que permite até mesmo uma comunicação entre os atores: o bebê chora, a mãe o amamenta; ele grita, a mãe o acalma; chora novamente, a mãe o troca. Vemos que neste ponto a mãe também interpreta o bebê, também é hermeneuta de suas “mensagens”, e tenta dar a

estas as respostas adequadas, porém, num nível completamente autoconservativo, onde se inclui o chamado comportamento de apego², que visa à sobrevivência e ao bem estar do bebê. Já no nível sexual, Laplanche alerta que a relação adulto-bebê acontece de forma completamente dissimétrica. Ele nos lembra de que o adulto é habitado por um id inconsciente, que é sexual e constituído de representações e fantasias que infiltram os comportamentos. Porém, do lado do bebê, nada nos permite afirmar que, desde o início, haja fantasias e um inconsciente, além disso, nem mesmo um ego (Laplanche, 1998, p. 88). O nível sexual, a sexualidade inconsciente, parasita o nível da autoconservação, maculando a reciprocidade e tornando a dissimetria proeminente na relação adulto-bebê:

Então a relação se estabelece num duplo nível; o nível do vínculo de autoconservação, recíproco, constitui a base da comunicação. Mas no ser humano, essa base de autoconservação é talvez, de uma vez, habitada, infestada, parasitada, por uma comunicação que se produz numa única direção: do adulto para a criança. Aquilo que denominamos “mensagens enigmáticas” são as mensagens dirigidas do adulto para a criança, mensagens que pretenderiam ser puramente de autoconservação: quero te alimentar, te cuidar, etc., mas que constituem uma “conciliação” (no sentido freudiano do termo) pela mistura de fantasias sexuais. Eu te alimento, porém – inconscientemente- eu te enfio o alimento, no sentido sexual da intromissão. (Laplanche, 1998, p. 89)

Existe uma radical *primazia do outro* na situação originária humana. Primazia do adulto, portador da sexualidade inconsciente, sobre o bebê, que despreparado para lidar com a sexualidade inconsciente daquele que o cuida, permanece radicalmente submetido a ele, impotente para exercer qualquer forma de dominação ou defesa contra a alteridade sexual que

² A teoria do apego, ou de vinculação, declara que um recém-nascido precisa desenvolver um relacionamento com, pelo menos, um cuidador primário para que seu desenvolvimento social e emocional ocorra normalmente. Os bebês apegam-se a adultos que são sensíveis e receptivos às relações sociais com eles, e que permanecem como cuidadores compatíveis por alguns meses durante o período de cerca de seis meses a dois anos de idade. Quando um bebê começa a engatinhar e a andar, ele começa a usar as figuras de apego (pessoas conhecidas) como uma base segura para explorar além e voltar em seguida. Trata-se de uma teoria interdisciplinar que abrange os campos das teorias psicológica, evolutiva e etológica.

o invade. Laplanche nos dirá que neste momento traumático de sua constituição, o ser humano fica de uma só vez centrado no outro, gravita em torno do outro. A isso ele denominou *copernicanismo*³ *fundamental* (Laplanche, 1998, p. 89).

É importante ressaltar que ao lado da primazia do outro sobre o bebê, se faz presente também na situação de sedução originária a *primazia do sexual*, e esta se impõe não somente ao infante, mas também ao outro cuidador. Ambos ficam submetidos ao sexual, pois o outro também é passivo em relação à sexualidade inconsciente que nele age. Por isso, ele é incapaz de oferecer uma proteção, um anteparo àquilo que, sem ter consciência, ele veicula à criança através de seus gestos de cuidado.

Voltando ao copernicanismo, a gravitação em torno do outro por parte do bebê só vai sofrer uma inflexão quando ele conseguir realizar um movimento de autoapropriação, isto é, uma apropriação de si mesmo, quando conseguir encontrar uma situação de domínio na qual poderá considerar-se como centro e origem. Trata-se de um movimento de defesa contra a situação de copernicanismo, movimento que Laplanche nomeou de *ptolomaico*⁴, justamente por possuir essa característica de tomar-se como centro. O movimento ptolomaico de autoapropriação é, segundo Laplanche, assimilado a uma tradução, a uma interpretação que o infante conseguirá fazer sobre “aquilo que lhe ocorre” (Laplanche, 1998, p.87), isto é, sobre a invasão da sexualidade do outro, que se impõe sob a forma das mensagens enigmáticas. É no momento desta tradução que se constitui o aparelho psíquico, tal qual Freud nos descreve.

³ Esta expressão é derivada do nome *Copérnico*. Nicolau Copérnico foi um astrônomo e matemático que viveu entre os séculos XV e XVI e desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar, onde afirmou que a Terra, assim como os demais planetas do sistema, gravita em torno do sol, e não é o centro do universo como antes se acreditava. Daí a inspiração de Laplanche para nomear sua teoria, na qual postula que, na situação de sedução originária, o ser humano gravita em torno do outro.

⁴ Tal expressão, por sua vez, deriva-se do nome *Ptolomeu*. Cláudio Ptolomeu foi um cientista grego que viveu entre os séculos I e II e desenvolveu uma teoria em que apresenta um sistema cosmológico geocêntrico, onde a Terra está no centro do universo e os demais corpos celestes gravitam em órbitas ao seu redor. Esta teoria geocêntrica de Ptolomeu vigorou entre as astronomias árabes, indianas e europeias até o desenvolvimento da teoria heliocêntrica de Copérnico.

O processo de tradução das mensagens enigmáticas do outro é sempre imperfeito, malogrado, uma vez que a criança não dispõe, no ponto de partida, de recursos suficientes para integrar, compreender, ligar os elementos sexuais dissimulados nas mensagens do adulto (Laplanche, 1998, p. 90), os quais são opacos para o próprio adulto que, portanto, não poderá atuar como um assistente de tradução confiável. A constituição do aparelho psíquico – antes de tudo a divisão entre um id e um ego – é resultado desse processo de tradução, não totalmente alcançado. O ego integra aquilo que pode ser traduzido e posto em forma nas mensagens sexuais do outro. Aquilo que não pode ser traduzido, o resto da tradução, constitui o inconsciente (o id). Este escapa à ligação e se torna, daí para diante, um polo de des-ligação (p. 90). Vemos que o ego e o id se constituem num único e mesmo movimento de tradução parcialmente fracassado. Laplanche fará uma equivalência entre este movimento de tradução e o recalçamento, que podemos certamente considerar como primário ou originário, por ser o primeiro e por originar o psiquismo.

Neste processo de constituição do ego e do id, a alteridade, antes localizada no outro externo, no adulto cuidador, será internalizada. O id passará a ser recipiente daquilo que do outro não pôde ser assimilado e integrado pelo ego. Aquilo que permaneceu estrangeiro, enigmático, incompreensível ao ego, permanecerá no id. Este presentifica a alteridade enigmática, “estranha”, no psiquismo. Vale a pena citarmos aqui a explicação que Laplanche nos oferece sobre este processo de internalização do outro na realidade psíquica, que resulta do recalçamento primário:

Através do processo de recalçamento, a alteridade psíquica mudou radicalmente de lugar: na relação copernicana inicial, era a relação com a outra pessoa (...) que estava em causa. Uma vez que o sistema psíquico se fecha sobre si mesmo, com a constituição do ego como instância, a alteridade tornou-se interna: o id tornou-se (...) o outro por excelência, porém um outro interno. (Laplanche, 1998, p. 91)

A partir daí, o conflito psíquico se dará entre as duas instâncias: o ego como centro de ligação e produtor de sentido, dominado pelas pulsões sexuais de vida que são orientadas pelo movimento de integração e pela totalidade, e o id, lugar daquilo que não pôde ser ligado, conectado a uma cadeia de sentido; lugar do “estranho” por excelência, do enigmático, do desconhecido, onde se reencontram diversos níveis de des-ligação, até a pulsão sexual de morte – a sexualidade em sua forma mais desenfreada –, que é seu abismo central (p. 91).

É necessário, neste ponto, esclarecermos porque Laplanche denominou este acontecimento originário de *sedução*, e tomou como ponto de partida para esta teorização a Teoria da Sedução de Freud, onde o trauma seria desencadeado por um abuso sexual de fato, uma sedução exercida por um adulto com intenções conscientemente perversas, sobre uma criança. A inoculação das mensagens enigmáticas sexuais do adulto no bebê é sedução justamente porque o bebê não possui, naquele momento, qualquer possibilidade de se defender delas, permanecendo completamente submetido a esta sexualidade que o invade. O adulto exerce sua sexualidade inconsciente sobre a criança, e esta não consente e nem sabe que está participando de uma relação verdadeiramente sexual, ainda que inconsciente e opaca para o próprio adulto que seduz. Esta é a fundamental diferença entre a Teoria da Sedução de Freud e a Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche. Nesta, a sexualidade que é exercida sobre a criança é inconsciente no adulto. Este também não sabe que seduz enquanto cuida, e isto é *geral*, é necessário a toda relação que se estabelece entre um bebê e seu cuidador. Daí o termo *generalizada*.

Agora que temos bem esclarecida a sedução originária, podemos adentrar o nosso tema principal: a transferência. Os leitores verão como todos estes argumentos apresentados até aqui, sobre a primazia da sedução do outro nos primórdios da constituição humana, serão totalmente necessários à compreensão da relação analista-analisando em Jean Laplanche.

CAPÍTULO 2

A TRANSFERÊNCIA EM JEAN LAPLANCHE

2.1 A instauração de um lugar de sedução originária e o processo de análise

Ao final da página 163 do livro “*Novos Fundamentos para a Psicanálise*” (1992), Laplanche lança uma pergunta que considero ser uma boa forma de iniciarmos este capítulo: “Como esse novo fundamento que propomos com a teoria da sedução generalizada pode permitir ressituar a prática?”. É essa a questão que buscaremos responder no restante deste trabalho, porém, privilegiando a transferência, buscando encontrar e esclarecer o que de novo Laplanche nos oferece sobre este fundamental conceito.

Laplanche postula que a situação analítica, o próprio tratamento, é uma *instauração*. Não é, de forma alguma, uma instalação técnica, contratual, e sim a instauração de *um lugar pulsional ou sexual puro* (Laplanche, 1992, p.165). Podemos ver no capítulo anterior que a sexualidade no ser humano exerce um papel primordial, de fundação do psiquismo, e que ela não nos vem pronta, participante das funções de nosso organismo biológico, tal qual um instinto, mas nos chega necessariamente do outro, pela inoculação de suas mensagens enigmáticas. É a situação de sedução originária que nos introduz o sexual, e é exatamente a instauração dessa situação junto ao analista que permite inaugurar um tratamento propriamente psicanalítico. A seguir buscaremos explicar por quê.

Como vínhamos dizendo, o tratamento é a instauração de um lugar de sedução originária. A sedução que deve estar presente na análise é a “*sedução do enigma do outro*”, sedução da alteridade enigmática sexual que, conforme explicitado no primeiro capítulo, constitui o inconsciente de todos nós. A sedução do enigma pode estabelecer-se porque o

analista, enquanto sujeito humano, também carrega em si a marca do enigma da sexualidade do outro, também possui um inconsciente. Ao reconhecer e respeitar a presença da alteridade enigmática em si mesmo, o analista se torna capaz de *guardar* a alteridade enigmática do paciente, guardar os enigmas que carecem de tradução e interpretação, as quais deverão ser realizadas pelo próprio analisando ao longo do tratamento. O termo guardar nos é oferecido por Laplanche no sentido de “operar como um guardião”, “manter a guarda”, o que implica que o analista não se precipita em traduzir o enigma, em dar uma resposta ao que o paciente apresenta; não aceita o lugar do “suposto saber”, mas guarda o enigma pacientemente, para que o analisando possa construir seu próprio saber. Laplanche nos chama a atenção para o fato de que a instauração da situação de sedução originária é o tempo todo uma *reinstauração*. A situação não deve parar de se reinstaurar, e isto até o fim, até o último momento da análise, pois é isso que mantém o analisando a trabalho no processo analítico (Laplanche, 1992, p.165).

É o analista enquanto “guardião do enigma” que propulsiona o sujeito a iniciar e sustentar seu processo de análise. Assim como o adulto um dia propulsionou a criança a operar suas primeiras traduções, através do endereçamento de suas mensagens enigmáticas, o analista propulsiona o paciente a operar novas traduções, ao guardar as mensagens enigmáticas que incitam esta operação. Neste sentido, é muito importante ressaltar, novamente, que o trabalho de tradução e de interpretação (e também de destradição e retradição, conforme explicaremos mais a frente), que caracterizam a análise, deve ser exercido prioritariamente pelo paciente. Isso fica bastante claro quando Laplanche nos diz que “em vez de invocar uma suposta atividade hermenêutica do analista, é preciso (...) dizer: o primeiro hermeneuta, o hermeneuta originário, é o ser humano” (1998, p. 87). Essa condição originária de hermeneuta deve ser resgatada pelo analisando na situação de análise, e o

analista deve provocar este resgate assumindo a posição de guardião do *outro*, de portador dos enigmas.

A instauração da sedução originária no tratamento é propiciada também por certas posturas que o analista apresenta. A famosa neutralidade analítica é uma delas. Caracteriza-se principalmente pelo fato de que o analista não entra no tratamento com seu ego, isto é, não apresenta suas escolhas pessoais, seus gostos, sua história; não invade o lugar de construção e tradução do paciente com suas próprias traduções – alcançadas em análise ou não –, tampouco com as interpretações próprias que construiu ao longo da vida, mas oferece a alteridade enigmática que o habita, oferece uma lacuna, um espaço vazio que nele também se faz presente, o qual reconhece e respeita. Laplanche nos diz que o analista oferece ao analisando sua própria *benevolente neutralidade interior*, neutralidade benevolente em relação ao seu próprio enigma. É a manutenção da dimensão da alteridade interior por parte do analista, manutenção da interpelação pelo enigma, que permite a instauração da dimensão da alteridade do paciente no tratamento. Esta é uma concepção positiva, criadora, da neutralidade, produtora da dimensão enigmática. É como se o analista comunicasse ao paciente: “Sim, você pode me tomar por um outro porque eu não sou quem acredito ser; porque respeito e mantenho o outro em mim” (Laplanche, 1993, p. 80).

Outra postura que o analista deve tomar no exercício de sua função, que também está a favor da instauração da situação originária, é o que Laplanche chama de “*recusação do saber*” (1992, p. 168). O analista recusa o saber sobre o paciente, sobre sua verdade, a verdade sobre seu bem, sobre como o paciente deve proceder, etc. Mas ele também recusa o saber *em geral*, recusa o saber a si mesmo. A função de guardião da alteridade enigmática pressupõe a constante preservação da interpelação pelo enigma no contexto da análise, e a construção das respostas a essa interpelação é trabalho *exclusivo* do paciente. Assim, o analista deve recusar qualquer tipo de saber alheio às construções do paciente, que venha a “invadir” o processo de

análise. E isso inclui a própria teoria psicanalítica. Laplanche nos diz que a teoria não deve fazer intrusão no tratamento, mas está lá para marcar seus limites à intrusão de qualquer teoria estranha ao sujeito. Deve estar presente no tratamento tão somente para isso, para demarcar esse lugar de trabalho do paciente, e impedir que qualquer construção teórica estranha à sua elaboração se intrometa no processo. É o paciente que deve construir saber ao longo da análise. “É a corrida atrás do saber que sujeita e propulsiona o analisando assim como propulsionou a criança (Laplanche, 1992, p.168)”.

Como já dissemos, a instauração da situação originária é instauração de um *lugar sexual ou pulsional puro*. Assim, interesses alinhados à ordem da autoconservação, que servem às necessidades e às conveniências, também devem ser recusados pelo analista. A dimensão sexual enigmática deve ser privilegiada e preservada ao máximo por ele. Laplanche nos diz que os interesses adaptativos devem apenas *tangenciar* o lugar do sexual, nunca adentrá-lo ou sobrepor-se a ele. Assim, temos mais uma forma de *recusação* por parte analista, a recusação de se situar no plano do adaptativo: dar conselhos, discutir meios e fins, entre outros (Laplanche, 1992, p. 166).

Já sabemos que a interpelação pelo enigma coloca o paciente a trabalho de tradução, mas ainda falta detalharmos a explicação sobre em que consiste este trabalho, que é o processo analítico propriamente dito. Laplanche nos diz que o sujeito humano é – esteja dentro ou fora da análise – um sujeito autointerpretante, autoteorizante e autosimbolizante. E o tratamento analítico explora essa essencial característica humana ao máximo. Ele é teorização, autoteorização, produção de sentido sobre si mesmo, realizada pelo paciente (p. 172 Novos Fundamentos). No entanto, esse trabalho só pode ser efetuado através de uma desconstrução, de uma destradição dos mitos e ideologias pelos quais o ego se construiu para enfrentar os enigmas provenientes do outro. Desconstrução e des-tradição constituem o

trabalho propriamente *analítico*, ligado ao método de livre associação que pode ser chamado também de livre dissociação (Laplanche, 1998, p. 95).

Esse trabalho critica as autoteorizações do ego do indivíduo. As “construções em análise” de que Freud fala são reconstruções de antigos processos de recalçamento, isto é, reconstruções ou construções defensivas que o indivíduo forjou para si mesmo outrora. São etapas que devem ser analisadas, no sentido de desconstrução do termo, até aproximar-se ao máximo das mensagens originárias – sem jamais alcançá-las (Laplanche, 1998, p. 95).

Por outro lado, esse trabalho de des-tradução, progressivo ou por camadas sucessivas, deve ser constantemente acompanhado pelo movimento inverso, isto é, por novas traduções e construções realizadas pelo paciente. Laplanche nos relembra a expressão de Freud, de que o ego é movido por uma compulsão para a síntese, e nos diz que tal compulsão ocorre em função do próprio perigo de des-ligação, que é reatualizado pela análise. Além disso, sabemos que o outro externo – fonte das mensagens enigmáticas na situação originária – foi, outrora, origem de uma verdadeira “*pulsão de traduzir*”. Essa pulsão deve ser renovada pela relação com o enigma que a análise reinstaura, e deve funcionar como a força motriz do tratamento. Assim, des-tradução e re-tradução, desconstrução e reconstrução, andam juntas e são igualmente necessárias ao processo analítico. Afinal, o objetivo da análise é uma nova tentativa de estruturação do ego, uma nova tradução que tenta melhor levar em conta, reapropriar-se, sob uma nova forma, de elementos excluídos até então.

Ainda assim, Laplanche nos alerta de que não devemos esquecer a diferença entre o objetivo do analisando e do analista. O primeiro, submetido ao traumatismo da terapia, não para de esforçar-se para tentar cicatrizar o mais rápido possível os processos de desconstrução. O analista, ao contrário, não pode nem deve dar assistência a essas tentativas repetidas de ligação, pois, é antes de tudo o artesão da des-ligação e deve insistentemente

reconduzir o analisando ao caminho da *análise*. Neste ponto, se faz necessário apresentar outra função que o analista também deve ser capaz de exercer, que será explicitada a partir do próximo parágrafo.

Justamente por estar a favor da des-ligação, da desconstrução de antigas traduções em proveito de novas, o tratamento analítico também deve ser um lugar de *continência e de manutenção* (Laplanche, 1992, p.168). Laplanche diz que devemos reconhecer aos psicanalistas ingleses por terem ressaltado a importância da continência na constituição do sujeito. Ele ressalta que a continência também é essencial ao processo de análise, pois é ela que permite ao paciente suportar o processo de des-ligação sem se desestruturar ou se abalar gravemente, o que comprometeria não apenas o próprio andamento do processo analítico, mas a vida do sujeito como um todo, e isso, certamente, não é o objetivo da clínica psicanalítica.

A constância é algo que está a favor da continência. Constância e regularidade no ambiente, no tempo e na frequência dos atendimentos criam um “meio-ambiente estável” para o tratamento que permite que o processo de desconstrução, próprio da análise, continue a acontecer, mas protegido de grandes sobressaltos na estabilidade egóica do paciente. No entanto, Laplanche considera que a constância mais importante para o estabelecimento da continência no tratamento é a constância na *atenção* do analista (1992, p.168). Ele nos diz que:

Ainda que todo analista já tenha cedido alguma vez à tentação de abrir uma carta ou atender o telefone, o ausentar-se sistemático priva a situação desse elemento essencial que chamamos *holding*: o recinto desaparece e a sessão se dissolve. Ora, a presença de um recinto torna-se ainda mais necessária na medida em que favorecemos, induzimos, um discurso de desligamento. (1992, p. 168)

Assim, o analista também deve exercer a função de ser *garantidor da constância* (Laplanche, 1993, p. 79).

2. 2 Por que a reinstauração da situação originária?

Como já dissemos, a condição que permite a fundação do psiquismo é reatualizada no tratamento analítico. Os enigmas do outro, carregados de sexualidade, se fazem presentes novamente, permitindo que o paciente possa colocar em questão as traduções e interpretações que construiu sobre esses enigmas ao longo da vida e revê-las, reconsiderá-las, podendo operar sobre elas modificações. Retraduções se tornam possíveis em uma análise, justamente porque a situação que deu origem as primeiras traduções está reaberta. Além disso, outra possibilidade que a reabertura da situação originária oferece ao paciente é poder construir interpretações sobre enigmas que nunca foram simbolizados, que permaneceram como “restos coisificados” (Laplanche, 1998, p.92) no inconsciente. Laplanche nos esclarece que estes “restos coisificados”, que não foram passíveis de tradução, podem ser equivalidos ao conceito de “representação-coisa” em Freud (1998, p. 92 / nota 12 p.101), ou seja, àquilo que nunca foi consciente, porque nunca pôde ser representado simbolicamente em palavras.

Estes restos provêm das mensagens sexuais do outro, inoculadas no sujeito no momento da sedução originária propriamente dita. Como já sabemos, neste momento originário, as mensagens se apresentam ao sujeito como “a traduzir”, isto é, clamam por simbolização. Mas, se não passarem por tradução neste momento de fundação do psiquismo, e forem relegadas ao id pela operação do recalçamento primário, a partir daí, elas não retornarão mais ao sujeito sob a forma de mensagens a traduzir, mas de mensagens “a realizar”, “a satisfazer”. Uma vez consolidada a condição de recalçamento dos restos não traduzidos, somente a reinstauração da situação originária, com a presença de um outro humano de fato, capaz de reconhecer e respeitar a presença do enigma do outro em si – e que por isso é também capaz de guardar os enigmas do paciente -, somente a reinstauração dessa situação é que torna possível que os enigmas não traduzidos nas origens, que retornam ao paciente como “a realizar”, retomem a condição de “a traduzir”, tornando-se passíveis de

interpretação e elaboração. Tudo aquilo que retorna sob a forma de sintomas, de comportamentos “estranhos” que se impõem às ações e escolhas do sujeito, de acontecimentos que, em meio ao “acaso”, se repetem continuamente, mesmo quando ele acredita estar optando por um caminho completamente diferente, enfim, todos estes enigmas só serão passíveis de tradução se lhes forem apresentados novamente, através de um outro de fato, numa reatualização do conflito copernicano em que a alteridade enigmática se faz presente mais uma vez, numa situação “ao vivo”, e não somente como um retorno sob a forma de conteúdos pulsionais inconscientes a serem satisfeitos, conteúdos provenientes da instância id do psiquismo.

O conflito ego versus id, ou ego versus inconsciente, é secundário. Ele não é capaz de permitir ao sujeito traduções inéditas, que possibilitariam mudanças. Ofereço a seguir uma citação de Laplanche, cuja longa extensão vale a pena devido à riqueza de seus argumentos sobre esta questão:

(...) é preciso admitir que o conflito psíquico, uma vez constituído, oferece bem poucas perspectivas de verdadeira resolução, ou mesmo de progresso. Mais frequentemente está voltado, mesmo sob formas disfarçadas, à compulsão de repetição: repetição de métodos de satisfação substitutiva – repetição de mecanismos de defesa.

(...) se a terapia apenas pusesse em jogo as mesmas forças que estão em ação espontaneamente no sujeito humano, com um aparelho psíquico constituído no qual a ligação se passa entre um ego e um id no recinto “ptolomaico” do ego, então não veríamos de que recursos ela poderia dispor para pôr em movimento uma verdadeira mudança. As antigas traduções, os projetos de vida (sejam caóticos ou rígidos), os mitos e ideologias de cada um põem todo o seu peso sobre uma existência constituída.

Para retomar a metáfora da tradução, aquilo que acreditamos que seja uma nova tradução, com muita frequência não passa de uma tradução de tradução, E. Kris

demonstrou bem como toda uma análise podia desenrolar-se sem que a idealização mítica de um indivíduo fosse nem ao menos questionada.

Retomemos então a questão: qual é portanto a esperança vã, utópica que faz vislumbrar que a análise possa fazer algo diferente do rearranjo local de um jogo de forças constituído desde os primeiros recalcamientos e desde a constituição da oposição ego-id? Por que meios o “ego” poderia advir lá onde estava o “id”⁵, se a constituição das duas instâncias é, como dissemos, complementar e se o inconsciente é aquilo que de uma só vez escapou à mitificação por parte do ego?

(...) Minha ideia é que a prática inaugurada por Freud tem por significação latente – e portanto por objetivo – recolocar em jogo o conflito copernicano originário, aquele que deu origem ao jogo de forças secundário e ao conflito derivado, o qual se estabelece em seguida entre o ego e seu outro interno [o id]. (Laplanche, 1998, p. 93)

2.3 A Transferência em Laplanche: *transferência em pleno, transferência em oco, transcendência de transferência*

Mas afinal, o que a reinstauração de um lugar de sedução originária na situação analítica teria a ver com a transferência? Laplanche responderia que *a situação analítica é, por si só, transferência*. Ele nos diz que “há uma verdadeira produção de transferência pela análise: se a situação reinstaura uma situação originária, ela é em si mesma transferência (1992, p. 169)”.

O analista, ao se oferecer ao paciente como alguém capaz de guardar os enigmas provenientes do outro, *provoca a transferência*. Isso porque ele permite que se estabeleça a dimensão fundamental do fenômeno transferencial: a relação ao enigma do outro. No tratamento, o analista deve conseguir funcionar como guardião dos enigmas do outro originário do paciente, de onde vieram as mensagens enigmáticas cujos restos não traduzidos

⁵ Referência à famosa expressão de Freud, do artigo “*O ego e o id*”: “*Onde o id estava, o ego deve advir*”.

constituíram seu inconsciente, restos que agora retornam sob a forma de sintomas que o fazem sofrer, que o fizeram buscar pelo tratamento.

Dessa forma, para Laplanche, o analista como provocador da transferência é protagonista na instauração do fenômeno na cena analítica, e não o paciente, como costumamos pensar a partir da concepção de Freud, onde a transferência seria uma repetição de protótipos arcaicos exercida pelo paciente sobre o analista. A dissimetria que caracteriza a situação de sedução originária, a *primazia do outro*, também se faz presente na situação analítica. Analista e paciente estão em posições desiguais, porém, para Laplanche, a flecha da dissimetria vai do analista para o paciente, pois, ao guardar os enigmas e endereçá-los ao paciente para que ele os traduza, colocando-o “para trabalhar”, o analista coloca-se na posição do outro que um dia foi *primeiro*⁶ em relação ao paciente, que endereçou a ele as mensagens enigmáticas que o propulsionaram a operar sua primeira tradução, a qual, ao lado do recalçamento primário, lhe fundou o psiquismo. Sobre isto, segue uma esclarecedora citação de Laplanche:

A flecha da assimetria analítica vai sempre do paciente para o analista: convém rever esta imagem tão enraizada. (...). Será que somos capazes de conceber que é a oferta de análise, a oferta do analista que cria... o que? Não a análise, mas sua dimensão essencial, a transferência. Talvez não toda a transferência, mas aquilo que é a sua base, sua alma e seu motor, isto é, a reabertura de uma relação, da relação originária, onde o outro é primeiro em relação ao sujeito. Uma reabertura, já que todo o movimento de constituição do sujeito se fez por um fechamento, que é justamente o recalçamento, constituição das instâncias, a colocação do outro no interior e seu confinamento sob a forma do inconsciente. (Laplanche, 1993, p. 79)

Laplanche reconhece que a concepção freudiana de transferência, como repetição de protótipos arcaicos, fora de moda, inadaptados (1992, p. 169), repetição das relações do paciente com tal ou qual objeto infantil, também acontece. Porém, para ele, isto não é o

⁶ Ver explicação sobre a *primazia do outro* no capítulo I.

essencial da transferência. Os conceitos de transferência em pleno e transferência em oco, que ele nos apresenta, nos ajudam a compreender essa questão.

Laplanche ressalta que tanto a transferência em pleno quanto a transferência em oco se instauram... num oco. Este oco é favorecido pela neutralidade do analista e sua recusa do saber. Nele, pode vir a se instalar um pleno ou um oco. Um pleno é a repetição positiva dos comportamentos, das relações, das imagens infantis, tal qual Freud nos descreve (1992, p. 170). A essa transferência, que de algum modo está bloqueada por isso mesmo que ela repete, Laplanche opõe uma reinstauração não da relação com tal objeto em particular, mas da relação com o próprio enigma. A transferência em oco é justamente aquela gerada pela instauração da situação de sedução originária no tratamento. Ela é também repetição, mas onde a relação infantil repetida encontra seu caráter enigmático, que propulsiona o paciente a trabalhar em novas originais traduções, em destraduações, em retraduações... ou seja, a adentrar o processo de análise propriamente dito, já explicado no subcapítulo 2.1. Laplanche nos diz que as duas formas de transferência coexistem, isso é inevitável, e ressalta que não prega pela transferência em oco contra a transferência em pleno. Porém, ele não deixa de nos advertir que, se só existisse a transferência em pleno, nada nos permitiria sair desse pleno. A citação a seguir nos esclarece um pouco mais essa questão:

Resolver, analisar, dissolver, é fazer passar em algum lugar uma faca, e uma faca só se insinuará onde houver indicações de fissuras, linhas de clivagem: a transferência em oco é um oco que vem a se instalar num outro oco. É a recolocação em jogo, em interpretação e em elaboração, das mensagens enigmáticas da infância, e isto graças à própria situação, que favorece esse retorno e essa reelaboração do enigmático. Transferência em pleno e transferência em oco são dois aspectos complementares: mas é somente a partir do momento em que aparece uma clivagem no coração das imagens e das cenas transferidas, a partir do momento em que a faca pode passar, que a transferência poderá evoluir para uma transferência em oco e se elaborar. (Laplanche, 1992, p. 171)

Essa evolução da transferência (em pleno) para a transferência em oco, de que Laplanche nos diz, podemos também compreendê-la como *transcendência da transferência*, termo proposto por Laplanche ao enfatizar que a transferência deve ser remetida, *transcendida*, poderíamos dizer, à situação originária infantil e ao enigma que esta comporta. O enigma sexual é proposto pelos adultos à criança, ele é endereçamento, e este endereçamento é enigmático na medida em que o outro (o emissor) não sabe tudo o que diz: ele é outro para si mesmo. Essa situação originária, Laplanche nos diz que podemos chamá-la de “transferência originária” devido ao fato de que, uma vez que outro interpela a criança, provocando-a com seu endereçamento inconsciente, a criança é *transferida* ao enigma, se torna vinculada a ele, é seduzida por esse desconhecido que lhe chega do outro, permanecendo instigada a respondê-lo, a traduzi-lo. Essa “relação de desconhecido” (Laplanche, 1993, p. 80) é o *motor* da transferência que mais nos interessa, a transferência em oco, por sua vez, funciona como motor do tratamento. Neste sentido, Laplanche também nos diz de uma *transcendência da situação originária*, esclarecendo que: “A transferência originária não é o transporte de outra coisa, a repetição de alguma outra coisa, no entanto, pode-se considerá-la como tal, pois ela contém o motor da transferência, isto é, o desdobramento, a diplopia que lhe é própria”. (1993, p. 80)

Ainda sobre o tema transcendência da transferência, traremos agora alguns argumentos do professor Paulo de Carvalho Ribeiro, apresentados em seu artigo intitulado “*O analista como guardião do enigma: a visão de Jean Laplanche*”, que também são bastante esclarecedores sobre esta questão:

A posição de Laplanche a respeito da transferência é toda organizada em torno da ideia de transcendência da transferência. O que ele chama de transcendência da transferência é o fato de que todas as relações humanas comportam algum tipo de transferência, mas essa transferência banal que se apresenta no dia-a-dia [repetição dos protótipos arcaicos] nos interessa muito pouco. O que interessa à

psicanálise diz respeito à possibilidade do analista manter uma abertura permanente para o que Laplanche chama de *enigma da sexualidade*. (...) o analista também possui, inevitavelmente, uma marca da qual não pode jamais se livrar, que é a marca do enigma do outro que ele carrega. O analista está marcado pelo seu próprio inconsciente e sua tarefa na condução da análise é assegurar que a transferência ocorra nesse nível: uma transferência do paciente com o enigma do próprio psicanalista, o que significa uma transcendência daquilo que move toda relação transferencial. Não se trata de uma transferência “plena”, como se o paciente projetasse no analista uma série de coisas que ele acredita poder encontrar ou adquirir, mas de uma transferência “oca”, na qual o paciente encontra no analista esse mesmo buraco, essa mesma abertura para a dimensão de alteridade que deve estar presente em uma análise. (2006, pp. 63-64)

Vemos mais uma vez, neste relato do professor, o quanto é importante o analista *recusar o saber*, como discurremos no item 2.1, e se apresentar na cena analítica com sua própria dimensão enigmática, com a alteridade que, assim como no paciente, também o habita.

2.4 Término de análise: *transferência de transferência*

Como já mencionado neste trabalho, Laplanche nos diz que a transferência como instauração de um lugar de sedução originária é uma situação que não pode deixar de se reinstaurar no tratamento até o seu final, até o último momento da análise. Diante desta afirmação, nos cabe perguntar: o que acontece com a transferência ao final da análise?

Laplanche é categórico ao afirmar que não há dissolução da transferência tal como ele a postula, isto é, da transferência com o enigma do outro, transferência em oco. Há resolução ou dissolução das transferências em pleno na transferência em oco. Mas, e a transferência em oco? Qual é o seu destino ao final da análise? A resposta do psicanalista é: *transferência de transferência*. Se a transferência, exatamente como nossa interpelação pelo enigma, existe antes, existe fora da análise, se ela é uma dimensão fundamental do ser

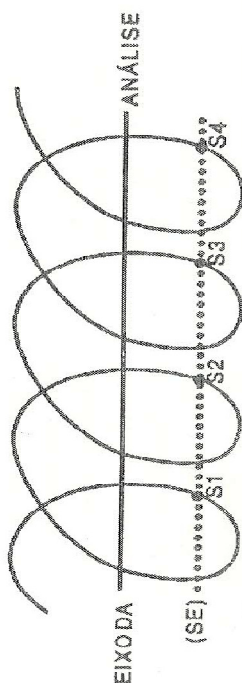
humano, o que se impõe como uma saída digna da análise não poderia ser o fim dessa abertura (Laplanche, 1993, p. 81).

Para esclarecer-nos esta questão, Laplanche lança mão de uma metáfora com a qual ele explica como caminha o tratamento analítico, até o seu término: o *modelo da espiral*. Para iniciarmos a explicação sobre este modelo, apresento uma citação do teórico francês que não poderia deixar de ser considerada aqui, dada a clareza de seus argumentos:

Em outros lugares, durante a análise, fora da análise – outras possibilidades de “transferência”, outros polos para uma elaboração do destino individual, fazem sinal ao analisando. Situação complexa que não pode deixar de ser encarada sem levar em consideração um fator capital: o caráter cíclico da dinâmica transferencial. A elaboração do sujeito repassa periodicamente por pontos, lembranças e fantasias cujas sequências se organizam de maneira análoga – encontra seu exato correspondente na teoria “tradutora” que desenvolvemos: não há nova tradução sem que se repasse primeiro pelas traduções antigas, para destraduzi-las em proveito de uma nova tradução. Processo que deve ser puramente repetitivo, sendo as mesmas trilhas indefinidamente retomadas. Se a transferência em oco – o ponto de atração que constitui o enigma, renovado pelo analista – está na própria origem do movimento de gravitação, isso não garante que uma órbita possa permanecer, indefinida ou temporariamente, estacionária. Outros ciclos, ao contrário, trazem a certeza de uma defasagem, de uma mudança de nível. Os mesmos temas são efetivamente percorridos de novo, “retraduzidos”, mas a “língua de chegada” se enriqueceu e modificou-se. (Laplanche, 1993, p. 81)

Laplanche nos explica que círculo ou espiral definem, um e outro, movimentos de gravitação. No caso do círculo, a gravitação se dá em torno de um ponto, e no da espiral, em torno de um eixo. A análise representada neste modelo acontece como uma espiral, cujos círculos circundam em torno de um eixo cujo ponto de partida é o significante enigmático (SE), sendo o restante formado pelos significantes do paciente que se apresentarão ao longo do processo analítico na tentativa responder, ou *traduzir*, o enigma (S1....S2....S3....). Trata-se

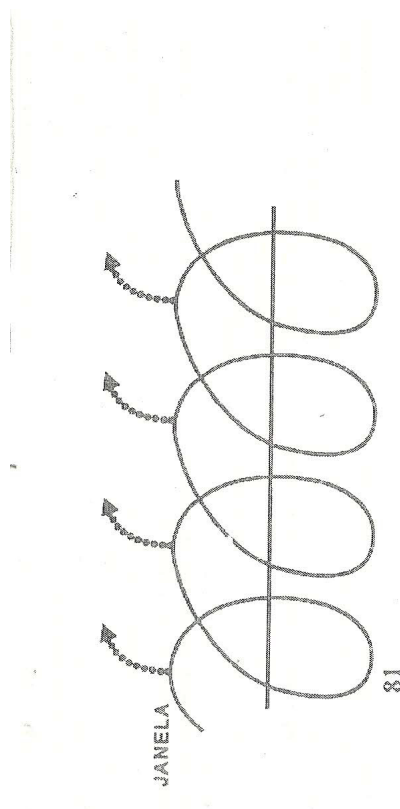
de um processo repetitivo, em que os mesmos temas são continuamente retomados, porém, ao caminhar ao longo da espiral, a elaboração do sujeito passa por *uma mudança de nível*, os mesmos temas são efetivamente percorridos de novo, “retraduzidos”, mas a “língua de chegada” se enriqueceu e modificou-se.



O modelo da espiral (Laplanche, 1993, p.81).

Retomando nossa questão sobre o fim da análise, Laplanche completa o modelo da espiral com uma outra metáfora para demonstrar qual seria o momento oportuno de se encerrar o tratamento, qual momento o paciente pode “deixar a espiral” que representa seu trabalho de desconstrução, reconstrução e elaboração . Em astronáutica, é chamado de “janela” um lapso de tempo preciso em que o lançamento de uma astronave é possível. Comparando com o processo analítico, Laplanche dirá que neste também existem “janelas” favoráveis que devemos utilizar para encerrar o tratamento. Caso não aproveitemos este

momento oportuno, um novo significante enigmático pode surgir e a gravitação se instaura novamente, para mais uma espira. Assim, teremos que esperar que a elaboração do sujeito sobre o novo enigma, representada na nova espira, se resolva e se esgote para que uma nova “janela” possa surgir, para que se abra outro momento oportuno em que podemos considerar a possibilidade de encerrar o tratamento.



- . O modelo da espiral ressaltando as “janelas”, momentos oportunos para o encerramento da análise, representadas pelas setas (Laplanche, 1993, p.81).

A *transferência de transferência* deve acontecer neste final. O analista deve estar atento àquilo que “faz sinal” ao paciente fora do tratamento, e que se desenha como um verdadeiro lugar de confrontação com o enigma. Dentre as transferências existentes “antes” ou “fora” da análise, Laplanche reconhece a posição privilegiada das relações múltiplas que podem ser estabelecidas com o “cultural”, que no ocidente é comumente manifestado pela música, pela literatura, artes plásticas, artes cênicas, pelo cinema e pela religião. Para o

teórico o “cultural” é um lugar de interpelação enigmática, com cem bocas e mil ouvidos; um lugar que permanece privilegiado quando se trata de *transferência de transferência*. Ele chega a mencionar este movimento como “análise em expansão”, o que podemos compreender como a possibilidade de, após se submeter ao tratamento, o sujeito poder continuar confrontando-se e elaborando o enigma em outros lugares que não a situação analítica (Laplanche, 1993, p. 82).

Laplanche também chega a considerar a transferência de transferência como uma modalidade especial da continuação da análise como auto-análise, em que mantém-se a abertura do sujeito para o enigma do outro, mesmo encerrado o tratamento propriamente dito. Sobre isto, ele nos fala:

A continuação da análise como auto-análise tem sido preconizada muito frequentemente, notadamente no exercício da profissão de analista. Isso de que falo aqui pode ser considerado como uma modalidade muito especial desse prolongamento. Deveríamos dizer que se trata de manter a ferida causada pelo outro, manter toda a fecundidade do “novo” proveniente do outro. (Laplanche, 1998, p.98)

No livro “*Novos Fundamentos para a Psicanálise*”, são apresentados três termos para definir a análise, que também nos auxiliam bastante na compreensão do fim do tratamento. São eles: “limitada”, “infinita” e “terminada” (Laplanche, 1992, p. 173). A análise é limitada: é limitada pelo inconsciente. Podemos adentrar este inconsciente, podemos experimentá-lo, conhecê-lo e vencê-lo, mas não podemos aboli-lo. Mesmo sendo limitada, ou talvez justamente por ser limitada, a análise é infinita. O processo auto-interpretativo, de auto-simbolização, é potencialmente infinito, mas isso não significa que a análise enquanto situação e enquanto tratamento deva ser infinita, é aqui que entra o termo terminada. A análise pode ser terminada, porém, este término não pode de forma alguma significar a “dissolução da transferência”, na medida em que esta é a relação com o objeto enigmático, relação que

não se dissolve jamais. O que deve acontecer é a transferência desse processo de transferência para um ou vários outros lugares, em uma ou várias outras relações. O único término concebível para a análise é, portanto, transferência de transferência. O mais difícil é apreender o momento crítico em que essa transferência de transferência é possível. Podemos propor a imagem do lançamento de um foguete para outros planetas. Há “janelas” temporais limitadas, bem definidas, durante as quais pode-se mandar um foguete para Saturno. Da mesma forma, há momentos definidos onde o término da análise pode ser decidido. Se o perdermos, reinicia-se um novo ciclo, uma nova espira da espiral (Laplanche, 1992, pp. 173-174). Assim, é necessário ao analista manter uma atitude de aceitação lúcida a propósito da transposição e da busca, no exterior, da relação copernicana por parte do paciente, da busca pela relação com o enigma proveniente do outro em lugares fora da situação analítica.

CAPÍTULO 3:

A TRANSFERÊNCIA EM FREUD E SUA COMPREENSÃO A PARTIR DE LAPLANCHE

Este último capítulo tem como objetivo repensar as noções freudianas clássicas sobre a transferência a partir das concepções propostas por Laplanche, apresentadas no capítulo anterior. Para isso, começaremos por explicar a transferência em Freud, apresentando um breve resumo de suas principais ideias e definições sobre o conceito. Em seguida, estabeleceremos um diálogo entre Freud e Laplanche, contrapondo suas concepções para, por fim, alcançarmos nosso objetivo final, que é compreender como a transferência freudiana foi reformulada por Laplanche, alcançando resoluções fecundas para certas ambiguidades presentes nos argumentos freudianos, e demonstrando teoricamente por que o fenômeno transferencial é, de fato, o instrumento fundamental da análise, sua condição e força motriz.

3.1 A transferência em Freud

Se a concepção de transferência em Freud tivesse que ser reduzida a três palavras ou expressões, poderíamos nos servir destas: *repetição*, *resistência* e *condição e motor da análise*. Utilizaremos tais definições como um norte para construir nossa explicação sobre a concepção freudiana de transferência.

No início do artigo “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914 (Freud, 2006, Vol. XII (obras do período entre 1911-1915), p. 163), Freud faz uma pequena digressão sobre a evolução da técnica psicanalítica, desde Breuer até o momento contemporâneo à escrita do texto. Acompanharemos a argumentação dessa digressão, pois ela será importante para a compreensão dos esclarecimentos que faremos a seguir a respeito da transferência freudiana.

Freud nos lembra de que a primeira fase da técnica psicanalítica – a da catarse de Breuer – consistia em focalizar diretamente o momento em que o sintoma se formava, e em esforçar-se persistentemente por reproduzir os processos mentais envolvidos nessa situação, a fim de dirigir-lhes a descarga ao longo do caminho da atividade consciente. Recordar e ab-reagir (descarregar a excitação represada), era a que, na época, se visava. Depois disso, quando a hipnose foi abandonada, a tarefa transformou-se em descobrir, a partir das associações livres do paciente, o que ele deixava de recordar. A resistência deveria ser contornada pelo trabalho da interpretação e por dar a conhecer os resultados desta ao paciente. As situações que haviam ocasionado a formação do sintoma e as outras, anteriores ao momento em que a doença irrompeu, conservaram seu lugar como foco de interesse; mas o elemento da ab-reação retrocedeu para segundo plano e foi substituído pelo dispêndio de trabalho que o paciente tinha de fazer por ser obrigado a superar sua censura nas associações livres, de acordo com a regra fundamental da psicanálise. Finalmente, desenvolveu-se a técnica sistemática então utilizada no momento em que foi escrito este texto, sobre a qual Freud não virá a fazer maiores modificações. Nesta, o analista abandona a tentativa de colocar em foco um momento ou problema específicos. Contenta-se em estudar tudo o que se ache presente, de momento, na superfície da mente do paciente, e emprega a arte da interpretação principalmente para identificar as resistências que lá aparecem, e torná-las conscientes ao paciente. Disto resulta um novo tipo de divisão de trabalho: o médico revela as resistências que são desconhecidas ao paciente; quando essas tiverem sido vencidas, o paciente amiúde relaciona as situações e vinculações esquecidas sem qualquer dificuldade. O objetivo dessas técnicas diferentes permaneceu sendo o mesmo. Descritivamente falando, trata-se de preencher lacunas na memória; dinamicamente, é superar resistências devidas à repressão (Freud, 2006, vol.XII, p.163).

Pois bem, como Freud nos coloca de maneira bastante clara, *o objetivo dessas diferentes técnicas permaneceu sendo o mesmo*, que é possibilitar que o analisando se *recorde* das situações que haviam ocasionado a formação do sintoma e as anteriores ao momento em que a doença irrompeu. Trata-se de *preencher lacunas na memória*, como o psicanalista bem nos diz ao fechar sua digressão histórica. A recordação de experiências reprimidas se mantém como objetivo final a ser alcançado no tratamento analítico. Porém, a diferença essencial da última técnica alcançada é que tal recordação se dará pela via da *análise das resistências*. O analista deve empregar a arte da interpretação para identificar as resistências e torná-las conscientes ao paciente. Uma vez reveladas as resistências, o paciente poderá superá-las e, a partir daí, conseguirá relacionar as situações e vinculações esquecidas sem qualquer dificuldade. A almejada *recordação* acontecerá naturalmente, na grande maioria dos casos.

Freud nos diz que no início do tratamento, sob efeito das resistências, o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas o expressa pela atuação. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo. Neste ponto, ele nos oferece alguns exemplos muito interessantes que nos remetem diretamente à transferência enquanto *repetição* e enquanto *resistência*:

Por exemplo, o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico. Não se recorda de como chegou a um impotente e desesperado impasse em suas pesquisas sexuais infantis; mas produz uma massa de sonhos e associações confusas, queixa-se de que não consegue ter sucesso em nada e assevera estar fadado a nunca levar a cabo o que empreende. Não se recorda de ter-se envergonhado intensamente de certas atividades e de ter tido medo de elas serem descobertas; mas demonstra achar-se envergonhado do tratamento que agora empreendeu e tenta escondê-lo de todos. E assim por diante. (Freud, 2006, pp. 165-166)

Freud segue sua argumentação nos explicando que, enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta *compulsão à repetição*⁷; e que logo compreenderemos que esta é a sua maneira de recordar.

O que nos interessa, acima de tudo, é a relação desta compulsão à repetição com a transferência. A transferência é, ela própria, uma das facetas da repetição. A repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o analista, mas também para todos os outros aspectos da situação de vida atual do analisando. O paciente se submete à compulsão à repetição, que substitui o impulso a recordar, não apenas em sua atitude pessoal para com o psicanalista, mas também em cada diferente atividade e relacionamento que podem ocupar sua vida na ocasião (Freud, 2006, p.166). Na verdade, a transferência enquanto repetição não se restringe, de forma alguma, à situação de análise. Ela está presente na vida dos indivíduos de forma geral, estejam eles ou não em processo de análise. Neste sentido, é um fenômeno comum, banal.

Agora que já compreendemos a transferência enquanto repetição, não será difícil captarmos sua dimensão de *resistência*. Resistência ao bom andamento da análise, obviamente. Como vimos, a transferência enquanto repetição substitui, *bloqueia*, o impulso a recordar. Dessa forma, ela funciona como uma *resistência* à recordação das experiências psicopatogênicas esquecidas devido à repressão, recordação esta que Freud considera como o objetivo final do processo analítico, ao lado da elaboração.

Freud nos dirá que quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação, ou repetição, substituirá o recordar. O que o paciente repete ou atua, é tudo o que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta – suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas, no

⁷ O editor da obra citada nos esclarece que este parece ser o primeiro aparecimento da ideia, a qual, posteriormente, virá a desempenhar papel tão importante na teoria psicanalítica.

decurso do tratamento. Freud nos alerta de que o estado de enfermidade do paciente não pode cessar com o início de sua análise, e devemos tratar sua doença não como um acontecimento do passado, mas como uma força atual (Freud, 2006, p. 167). É neste momento que poderemos adentrar a transferência enquanto *condição e motor do tratamento*, pois, até agora, ela só se apresentou enquanto um entrave à análise.

Em Freud, a transferência deixa de ser um obstáculo ao tratamento e passa a funcionar como uma força motriz para o mesmo quando o analista consegue familiarizar o paciente com suas resistências, fazendo com que ele tome consciência delas e de suas repetições. Isso se dá principalmente através da *interpretação* do fenômeno transferencial, momento em que o analista aponta a resistência ao paciente, e como esta está presente em sua repetição. É o chamado *manejo da transferência*, que Freud acreditava ser capaz de dissolvê-la. Para tornar mais claro como tal manejo acontece, retomemos o primeiro exemplo de transferência como repetição que Freud nos ofereceu na citação direta que fizemos anteriormente: “o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico”. Manejar a transferência, neste caso, seria o analista apontar para o paciente que ele o está colocando no lugar de seus pais, e que o faz para não ter que se recordar de sua atitude desafiadora e crítica em relação à autoridade deles no passado. É a resistência à rememoração que está presente em sua atitude de repetição, e isto deve ser dito ao analisando. A partir daí, o caminho estará livre para ele obter a recordação e construir sobre ela a elaboração necessária, completando a cura do sintoma. Isso dissolveria a transferência enquanto repetição e resistência, e a tornaria uma força motriz eficaz para o verdadeiro trabalho analítico freudiano, que é a recordação dos conteúdos inconscientes recalçados e a elaboração destes por parte do analisando.

Para concluir nossa explicação sobre a transferência em Freud, só nos resta ressaltar que sua afirmação de que o estabelecimento da relação transferencial do paciente para com o analista é *condição* para o tratamento, se deve principalmente ao fato de que é o surgimento da transferência que trará os sintomas, as repetições e as resistências do analisando para a cena analítica, manifestando-se ao vivo diante do psicanalista, e tornando-se, assim, alcançáveis por ele, acessíveis às suas intervenções. Afinal, como Freud menciona no artigo “A dinâmica da transferência”, de 1912 (Freud, 2006, Vol. XII (obras período 1911-1915), *não se pode vencer um inimigo ausente ou fora de alcance*.

3.2 Freud com Laplanche: um diálogo fecundo

É importante salientar, antes de iniciarmos qualquer discussão neste subcapítulo, que o que em Freud está colocado como experiências do passado que se tornaram patogênicas no sujeito por terem sido recalçadas, e que, para que se alcance a cura, devem ser *relembradas* pelo paciente, na concepção de Laplanche não se tratam puramente de experiências, no sentido de ter sido um fato da realidade bruta, ocorrido puro e simplesmente. Na concepção do psicanalista francês, tratam-se de situações em que mensagens enigmáticas, provenientes da sexualidade inconsciente do outro, estiveram, *necessariamente*, envolvidas. Estas foram inoculadas no sujeito, tendo sido por ele traduzidas ou recalçadas. As que puderam ser traduzidas passaram a constituir seu ego, e os restos que não foram passíveis de tradução constituíram seu inconsciente, a instância id que representa a alteridade enigmática no psiquismo. “*Aquilo que lhe ocorre*” (Laplanche, 1998, p.87), que ocorre ao sujeito na tenra infância é, em Laplanche, a inoculação das mensagens enigmáticas do adulto que o cuida. O que é *traumático* é a invasão do sexual num momento muito precoce, no qual o indivíduo é incapaz de se defender ou dominar o excesso pulsional que o acomete devido à inoculação das mensagens sexuais. Como já dissemos, as alternativas que o sujeito tem para sair da situação de trauma é traduzir as mensagens que lhe chegam, ou recalcá-las. Ambas são formas de

defesa contra a situação copernicana, na qual o indivíduo se encontra completamente submetido à sexualidade inconsciente do outro, gravita em torno do outro.

Pois bem, o que em Freud está postulado como *recordar*, no sentido de que esse é o objetivo do tratamento, possibilitar ao paciente que ele *recorde* as experiências recalçadas que hoje são patogênicas, para que possa elaborá-las e então alcançar a cura, em Laplanche deve ser compreendido como *traduzir, interpretar, alcançar uma compreensão* e, neste sentido, também *elaborar*. Como foi longamente explicado no capítulo dois, é a novas traduções que a análise visa na perspectiva do psicanalista francês. Assim, o passado também deve ser resgatado, mas no sentido de que o paciente possa retomar as antigas traduções que empreendeu na infância, assim como as demais que veio construindo ao longo da vida, para então colocá-las em questão, analisá-las, desconstruí-las, operar sobre elas des-traduções em favor de novas traduções, que melhor considerem o que foi excluído, recalçado, até então. Isto é importante salientar para que a discussão que faremos a seguir se torne mais clara ao leitor.

No texto “*Da transferência: sua provocação pelo analista*”, Laplanche nos diz o seguinte: “já não exigimos de nós mesmos, nem do outro, o que chamamos durante décadas de manejo (...) da transferência, e ainda menos (...) uma dissolução dessa última (1993, p. 74)”. O “manejo” da transferência postulado por Freud é, como explicado no subcapítulo anterior, a *interpretação* da relação transferencial pelo analista, o apontamento de sua dimensão de repetição e de resistência ao paciente, de forma que este *tome consciência* de que, na realidade, a maneira com que age para com o analista é a repetição de seu passado e sua forma de resistir à recordação necessária à cura. Uma vez “manejada”, a transferência se torna *motor* do tratamento, as resistências são vencidas, as recordações podem vir sem nenhum obstáculo e a transferência termina então *dissolvida*, como efeito do manejo do analista.

Bom, Laplanche nos coloca que já não se exige mais manejo tampouco dissolução da transferência. O que teríamos hoje, então, a dizer sobre a proposta freudiana de como se deve lidar com a transferência? Tomaremos, obviamente, as concepções de Laplanche sobre a relação transferencial, apresentadas no capítulo anterior, para buscarmos um esclarecimento a esta questão.

No que tange o “manejo” da transferência, Laplanche se apresenta crítico a apontamentos “interpretativos” do tipo “Eu não sou este por quem você me toma. É você que me coloca nesse lugar”. A frase excepcional que nos apresenta, já citada neste trabalho, “Sim, você pode me tomar por um outro porque eu não sou quem acredito ser; porque respeito e mantenho o outro em mim” (Laplanche, 1993, p. 80) , nos revela uma postura crítica ao que poderíamos chamar de uma espécie de *denuncismo* da transferência em pleno do paciente. Denunciar ao paciente suas repetições e suas resistências, a meu ver, provavelmente virá a ocasionar dois desfechos: ou o paciente pode sentir a integridade de seu ego atacada, pois o que o analista lhe aponta é que ele não tem total domínio sobre suas ações, que existem “forças outras” que agem nele sem que ele tenha consciência delas e, neste sentido, o ego como instância de defesa por excelência, pode não concordar com a intervenção do analista, se fechar e resistir ainda mais ao processo de análise; ou, o que não seria menos pior, o paciente pode vir a aceitar a interpretação *por amor ao analista*, expressão indubitável da transferência em pleno que, no final das contas, mantém o paciente em uma posição de alienação. Neste caso, o paciente reconheceria a interpretação não porque empreendeu um verdadeiro trabalho analítico e interpretou, por si mesmo, que na verdade está repetindo no tratamento padrões de relação que já funcionam nele há muito tempo - reconhecendo assim as “forças outras” que nele agem, dando-se conta da alteridade enigmática que o habita -, mas por estar sugestionável às palavras do analista, devido aos sentimentos positivos que nutre por

ele. Seria a invasão de uma teoria alheia ao analisando no tratamento, que Laplanche tanto nos adverte que devemos cuidar para que não aconteça.

Além disso, Laplanche nos diz que a interpretação da transferência em pleno pode vir a ter um aspecto de *denegação* por parte do analista, seguido de *projeção*: “você me atribui tais traços da sua mãe (...), mas eu não sou a sua mãe. A etapa seguinte à denegação é a projeção: não sou eu que, é você que. A projeção é a cruz do psicanalista, é a cruz das transferências insolúveis (1992, p. 171)”.

A maneira de superarmos a transferência em pleno no tratamento, a qual inevitavelmente acontece e que, de algum modo, está bloqueada por isso mesmo que ela repete, é fazendo-a reencontrar seu caráter enigmático – a transferência em oco -, no qual a relação infantil não é *plenamente* atuada junto ao analista, mas é tomada como um enigma, enigma a ser decifrado, traduzido, possibilitando a interpretação e a elaboração das mensagens enigmáticas da infância, que é o que permite a “cura” em Laplanche. O paciente está livre para tomar o analista como um outro, mas é importante que ele possa encontrar o outro *vazio* do analista, o outro desconhecido, enigmático, e não apenas o outro *pleno*, resultado de suas próprias projeções.

Concluindo, para Laplanche, não existe dissolução da transferência. Existe dissolução das transferências em pleno na transferência em oco, - que é a transferência como verdadeira força motriz do tratamento -, e *transferência da transferência*, a transferência da relação do sujeito com o enigmático (transferência em oco) para outros lugares externos à relação com o analista, possibilidade em que se encontra privilegiado o lugar do cultural.

CONCLUSÃO

Na página 161 de seus *“Novos Fundamentos para a Psicanálise”*, Jean Laplanche nos diz que existe uma íntima dependência entre teoria e prática. No caso da psicanálise, cujo gesto inaugural é indissolivelmente prático e teórico, essa dependência é vital; progresso teórico e progresso prático caminham exatamente no mesmo passo. A prática é elaboração teórica viva, e a teoria é diretamente posta à prova na prática (Laplanche, 1992, pp. 161-162).

Concordando com o argumento de Laplanche, novamente podemos afirmar (como fizemos em nossa introdução) que um arcabouço teórico original como a Teoria da Sedução Generalizada, - que reformula tantas concepções freudianas, bem como propõe tantos conceitos originais – deve se haver com a necessidade de ressituar a prática, a partir dos novos elementos que introduz. Sobre isso, Laplanche sugere expressões como *“lançar mão de”* ou *“pôr à prova na prática”* a teoria (1992, 161).

Ao longo deste trabalho, pudemos ver que Laplanche de fato *pôs a prova* seus novos conceitos teóricos para ressituar a prática, alcançando resultados preciosos, como uma reformulação fecunda e absolutamente original do imprescindível conceito de transferência.

Lançando mão de inéditas concepções sobre a teoria, Laplanche pôde também construir inéditas concepções sobre a prática, demonstrando-nos que, de fato, *progresso teórico e progresso prático caminham exatamente no mesmo passo*.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (Ed.). (2006). *O caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.XII. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalhos originais publicados entre 1911 e 1915).
- Laplanche, J. (1998). Objetivos do Processo Psicanalítico (P. H .B. Rondon, Trad.). In SPCRJ, *Cadernos de Psicologia* (Vol. 14, nº17, pp. 78-101). Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1997)⁸.
- Laplanche, J. (1993). Da transferência: sua provocação pelo analista (M. M. Damião, Trad.). In *Percurso* (nº 10, pp. 73-83). São Paulo. (Trabalho original publicado em 1993).⁹
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise* (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).¹⁰
- Ribeiro, P. C. (2006). O analista como guardião do enigma: a visão de Jean Laplanche. In: A. C. Carvalho e C. P. França (organizadoras), *Estilos do Xadrez Psicanalítico: A técnica em questão* (pp. 51-64). Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁸ Título do original francês: “*Buts du processus psychanalytique*”. In: *Révue Française de Psychanalyse*, nº 4 (“*Après l’analyse*”), 1997, Tome LXI, *octobre-décembre* 1997, pp.1181-1194, Paris, PUF.

⁹ Este artigo é um dos capítulos do livro de Laplanche *La révolution copernicienne inachevée*, Paris, Aubier, 1993.

¹⁰ Título original: *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*.